



Veredas Temática:

Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares

Volume 22 nº 1 - 2018

Dizer-se. Narrar-se. Etnografar-se.

Leandro da Silva Gomes Cristóvão (CEFET/RJ)

Início este texto referenciando-me. Em julho de 2016, apresentei meu trabalho de doutorado. Com as seguintes palavras, encerro a introdução do texto que compôs a tese:

Antes de terminar esta introdução (...), sinto a necessidade de, mais uma vez, registrar um momento de minhas memórias. Em 2006, assim como ocorreu com os sujeitos entrevistados nesta pesquisa, eu saí do armário para a minha família. Curiosamente, também naquele momento, a escrita esteve comigo. Receoso das possíveis reações que meus pais teriam ao ouvirem de mim aquilo que certamente já havia passado por suas cabeças, decidi escrever uma carta para cada um deles. Escrevi então a mesma carta, à mão, três vezes. Deixei os três textos em um lugar estratégico de nossa casa e, já morando em um apartamento alugado com meu companheiro – naquele momento, ainda um “amigo” para meus pais –, telefonei para a minha madrasta e pedi que ela tirasse uma daquelas cartas para ela e entregasse as outras duas, uma para meu pai e outra para minha tia. Não vem ao caso relatar os eventos que se sucederam àquele dia, muito menos dramáticos do que havia imaginado. Cabe, isso sim, pensar em como a escrita tem sido, no decorrer dos anos, um espaço que venho ocupando com frequência para falar sobre mim mesmo. Não por acaso, quando me encaminho para alcançar o título de doutor, ocupo esse espaço novamente para, entre outras coisas, falar sobre mim. Este trabalho é mais uma abertura de portas. O armário está, hoje em dia, com as

portas frouxas, uma vez que as mesmas foram abertas já algumas vezes. Mas elas aguentam. Até quando for necessário, o armário terá suas portas abertas. E a escrita estará ali para auxiliar-me, como faz aqui. Vamos a ela. (CRISTÓVÃO, 2016, p. 31-32)

Fui a ela, à escrita. E a ela retorno novamente. Compartilho neste texto algumas reflexões sobre a minha escrita, aqui tomada como metonímia de uma tarefa que vem se tornando cada vez menos extraordinária na pesquisa em ciências humanas e sociais, qual seja, a do dizer-se, a do narrar-se, a do etnografar-se.

O exercício é o da metalinguagem: escrever sobre a escrita, produzir um texto que pensa o texto, construir um discurso que se debruça sobre o fazer discursivo. Em tempos nos quais já não é uma novidade falar em “virada linguística” nas ciências humanas e sociais – um emblema do entendimento de que o discurso é o espaço que ocupamos para viver socialmente, ou a “arena de “embates” de significado” (FABRÍCIO; PINTO, 2013, p. 13) – tomo a palavra como linguista e convido as colegas e os colegas linguistas e não linguistas a me acompanharem nesta reflexão, que é, antes de qualquer outra coisa, de novo, uma tarefa (auto)interpretativa.

Retorno à escrita, neste posfácio, a fim de, mais uma vez, indiretamente dizer-me, narrar-me, etnografar-me. O que já chamei de obsessão, de vício em mim mesmo, de um compartilhar excessivo de egotrips, denomino hoje como repetição. Venho compreendendo que é pela escrita, por este tipo de escrita, que consigo alcançar alguma resposta possível à tão inquietante pergunta colocada por Judith Butler: “que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade?” ([1990] 2010, p. 57). Quero entender este pequeno texto como mais um ato repetido que, com outros atos, meus e de tantos, vai re/desfazendo contornos e instaurando outros modos de escrita, de pesquisa, de ciência, de universidade, de sociedade. Corro alguns riscos aqui, como corri ao escrever a tese; mas mantenho a escolha, ainda mais convencido da potência do dizer-me.

Dizer-se tem sido uma prática comum ao longo dos últimos anos. A fala sobre si está presente em diversos contextos; a academia já é um deles. Faço a afirmação tendo em mente minha própria experiência e também a de várias pessoas que participam de meu cotidiano acadêmico. Questionadora dos já tão conhecidos e problematizados desejos de neutralidade típicos do que se sacralizou como discurso acadêmico – “a tendência ao apagamento da presença do sujeito nos discursos produtores de conhecimento considerado formal” (VERSIANI, 2005, p. 19) –, a produção que vem sendo chamada de autoetnográfica ganha cada vez mais espaço e aderência. Remeto-me a uma prática na qual se unem teorização intelectual, empreendimentos analíticos e, fundamentalmente, re/desaprendizagens de si. Nas palavras de Olinto, ao apresentar o trabalho autoetnográfico de Daniela B. Versiani (2005), uma ação “que ensaia com saber e sabor a difícil travessia entre gestos subjetivos, atos empíricos e opções de sua descrição e teorização” (2005, p. 13)

Acompanhar o raciocínio e o fluxo de uma escrita autoetnográfica¹ depende da atenção sobremaneira àquilo que leva o pesquisador ao texto em termos não-acadêmicos, isto é, às suas vivências particulares, à sua constituição como sujeito do mundo, aos sentidos que o seu corpo constrói socialmente, ao que pode ser compreendido como o que lhe é pessoal e íntimo. A autoetnografia se abre a um eu, mas não mais como um elemento acessório e eventual que pode ser relevante para a compreensão de um estudo. O eu de uma

¹ *Pesquisa autobiográfica, escrita de si, pesquisa in-mundo, ego-história* são denominações de outras práticas acadêmicas que se juntam, em momentos e contextos diferentes, à autoetnografia na tarefa do dizer-se.

autoetnografia é o próprio estudo: o “eu em análise”, que é também o “eu que analisa”. Gergen e Gergen assim sintetizam o movimento:

os investigadores exploram em profundidade os aspectos nos quais suas histórias pessoais saturam a investigação etnográfica. No entanto, em vez de darem ao leitor uma pausa para considerar as tendenciosidades, aqui a justaposição do eu ao tema é empregada no sentido de enriquecer o relatório etnográfico. O leitor depara-se com a decadência do binário sujeito/objeto, e é esclarecido quanto às formas em que confrontar o mundo a cada momento é o mesmo que confrontar o eu. Em todos esses movimentos reflexivos, o investigador renuncia ao “olhar de Deus” e revela seu trabalho situado histórica, cultural e pessoalmente” (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 369-370).

O encaminhamento de uma autoetnografia extrapola as questões já tradicionalmente colocadas sobre a presença do pesquisador em campo e a consequente tradução da pesquisa em texto. Para além de uma discussão a respeito do uso da primeira pessoa na articulação discursiva ou sobre a possibilidade de uma breve apresentação pessoal em algum parágrafo de introdução, de conclusão ou em nota de rodapé, a autoetnografia emancipa o sujeito pesquisador no que se refere ao tratamento de suas próprias questões, as mais íntimas, as mais pessoais. Temáticas tradicionais da pesquisa social são ditas, narradas e etnografadas pelos próprios sujeitos tecedores da malha social, agora enunciadores de si: eu-pesquisadora-mulher; eu-pesquisador-favelado; eu-pesquisador-bicha; eu-pesquisador-eu mesmo, enfim.

Não é em terreno tranquilo por onde caminham aqueles que escolhem a autoetnografia como estratégia de ação na academia. Há desconfianças em jogo. Postula-se que, em última análise, o discurso de si no interior da academia é a continuidade de um processo de espetacularização já bastante visível, discursivizado e problematizado além-muros universitários. O espetáculo a que se faz referência fala de um processo constante de apresentação da intimidade, que “se transformou em nosso modo de vida e nossa visão de mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e inclusive na maneira como se organiza o universo”² (SIBILIA, 2013, p. 54).

Paula Sibilia destaca a transformação da vida em espetáculo como um hábito constante do cotidiano contemporâneo. Numa alusão às narrativas cinematográficas, a autora aponta o processo inverso ao qual parece estarmos nos submetendo: ao invés de entender a projeção da tela como um reflexo de nossa existência, “avaliamos nossa própria vida em função de sua capacidade de se transformar, de fato, em um verdadeiro filme” (2013, p. 60). A compreensão é a de uma submissão constante ao fenômeno da exibição, que talvez não alcance as telas do cinema, mas que poderá angariar várias visualizações e compartilhamentos nas redes sociais virtuais, por exemplo.

A obsessão por si mesmo e a necessidade da transformação de si em algo que merece ser assistido, curtido e/ou compartilhado terá alcançado o discurso acadêmico, descaracterizando, agora explícita e intensamente, a função do sujeito intelectual? Posto de outra forma, uma espécie de fenômeno confessional terá chegado às sessões de defesa de tese e dissertações, às revistas acadêmicas, aos livros publicados por editoras universitárias? Em caso afirmativo, isso pode ser um incômodo. Gergen e Gergen ratificam:

apesar desse ousado e criativo entusiasmo que acompanha muitas dessas aventuras, há também uma grande inquietação entre alguns pesquisadores qualitativos com o abandono dos padrões científicos convencionais. Epítetos

² As traduções dos textos em língua adicional para o português são de minha responsabilidade.

de excesso – narcisista, incapaz de enxergar a sua volta, exibicionista – são recomposições familiares (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 372).

Proponho aqui pensar nas práticas do dizer-se como potencialmente agentivas. A possibilidade de discursivizar publicamente vivências de sentidos que se consideram íntimos e pessoais, em especial se falamos de vivências não-hegemônicas, são ações políticas que merecem destaque no panorama contemporâneo. Refiro-me a toda a rede de discursos que lidam com as intimidades de forma pública: manifestações públicas organizadas por agrupamentos militantes, as múltiplas “revelações” feitas por personalidades contemporâneas no tocante às suas práticas de identidade, as histórias cotidianas contadas por cada indivíduo que decide compartilhá-las, entre outros exemplos. Proponho que se possam ver todos esses movimentos como saídas do armário³: as políticas que saem do armário, a mídia que sai do armário, a literatura, o cinema e a arte que saem do armário. A possibilidade de escrever uma tese, um artigo, um ensaio acadêmico autoetnográficos convence-me de que, em alguma medida, as portas do armário da universidade também estão se abrindo.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em vídeo largamente compartilhado em redes sociais virtuais, afirma: “Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar”⁴. Tendo a acreditar, inspirado pela autora, que muitas histórias individuais também importam ao discurso acadêmico. E é aí que quero perceber algum movimento agentivo de nossa parte – incluindo-me no grupo daqueles que se dizem.

Mais um elemento, ao qual fiz breve menção acima, entra nesta reflexão: o eu-pesquisador em questão é um eu-pesquisador-estigma. Entre a normalidade e o desvio⁵, a desejada “voz neutra” do pesquisador frequentemente endereça-se à primeira. Tradicionalmente, o estigma é o outro. Na autoetnografia, o estigma pode ser o eu. Versiani auxilia-me:

o apagamento da presença do sujeito produtor de conhecimento passa a mostrar suas limitações quanto o tácito consenso teórico-cultural e a homogeneidade de classe sobre os quais se sustentava são abalados pela chegada às academias de sujeitos que se autodefinem através da associação com alguma minoria (VERSIANI, 2005, p. 19)

³ Eve Sedgwick propõe que se pense na metáfora do armário, bastante utilizada em discursos que se debruçam sobre as identidades de sexualidade não-hegemônicas, como um mecanismo de controle das identidades. O armário estabelece limites para todos os sujeitos de uma cultura: o que sai das normas fica para dentro; o que as normas permitem pode ficar do lado de fora. Trata-se de um dispositivo de controle cultural e subjetivo. O dispositivo atua na produção de todos os sujeitos, demarcando fronteiras, acatamentos e transgressões a partir do estabelecimento de lógicas binárias fundantes: “segredo / revelação, conhecimento / ignorância, privado / público, masculino / feminino, maioria / minoria, inocência / iniciação, natural / artificial, novo / velho, disciplina / terrorismo, canônico / não-canônico, plenitude / decadência, urbano / provinciano, nacional / estrangeiro, saúde / doença, igual / diferente, ativo / passivo, dentro / fora, cognição / paranoia, arte / kitsch, utopia / apocalipse, sinceridade / sentimentalismo e voluntariedade / vício” (SEDGWICK, [1990] 1998, p. 22). Tal dispositivo está construído por uma infinidade de discursos que punem, medicalizam e subalternam identidades, promovendo um sistema de vida dupla. Se pensamos especificamente as práticas identitárias relativas às sexualidades, a vida não-heterossexual fica encerrada nas gavetas e prateleiras do esconderijo, enquanto públicas se tornam as performances que negam qualquer aproximação às práticas não-normativas.

⁴ O vídeo completo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLRlZwIEY>> Acesso em 25 fev. 2018.

⁵ Erving Goffman e Howard S. Becker são os autores que me inspiram no uso de termos como “normalidade”, “desvio”, “estigma”. Para maior aprofundamento sobre a forma como relativizo e me aproprio dessas noções, vide Cristóvão (2016).

Gostaria de pensar aqui sobre esse movimento, já não tão raro, de um eu-pesquisador-estigma nas esferas acadêmicas, em especial sobre a construção desse eu em textos de finalização de ciclo, como as teses e as dissertações. Emblemas da conclusão de percursos singulares nas trajetórias acadêmicas, as teses e dissertações já não são as mesmas de antes. O mundo também anda desviante no interior dos bancos de tese. Sempre esteve, é verdade; mas tendo a pensar que esse desvio está agora cada vez mais presente na malha do texto, na voz do trabalho, no “eu-lírico” da pesquisa. Isso não é trivial.

Há visivelmente uma voz subalterna em jogo nos textos autoetnográficos. Apesar de não ser uma característica mandatória desse tipo de produção acadêmica em termos metodológicos, pode-se dizer que, ao menos empiricamente, ouve-se uma narrativa outrora em silêncio saindo das páginas autoetnográficas. A autoetnografia talvez seja, no discurso acadêmico, o narrar de histórias outras, um espaço de presença das vozes do Sul, do subalterno que fala, de quem antes não dizia.

A autoetnografia não é a forma de produzir pesquisa que inaugura práticas dessa natureza. Contudo, acredito que, com ela, uma voz que problematiza as suas próprias vivências, que leva ao tecido do texto os seus episódios de vida, as suas feridas, as suas alegrias, as suas dúvidas enquanto indivíduo do mundo emancipa-se. A autoetnografia incorpora semânticas que dão parcialidade, implicação, posicionamento e subjetividade ao fazer epistemológico. Textos autoetnográficos possuem corpos enunciados explicitamente. Corpos de sujeitas, de sujeites, de sujeitos, de sujeitxs, de eus-pesquisadores/as/xs participantes de um ambiente acadêmico agora já mais diverso. A academia já não é a mesma. O desvio está por aí, ocupando espaços tidos como de prestígio, discursivizando suas vidas, problematizando suas feridas e potencializando suas conquistas.

Empreendimentos como o da autoetnografia são movimentos intelectuais que promovem o falar de si, o dizer-se com fins de resistência num âmbito assumidamente subjetivo. Está em jogo aqui um ato de liberdade, um grito de vida. Estou bastante ciente de que minha interpretação, para algumas visões, glamouriza e torna excessivamente romântico o fazer acadêmico, descaracterizando-o. Conforme adiantei, há riscos aqui. Assumo-os, na confiança de uma prática intelectual mais viva, que não deixa de ser intelectual porque explícita, além da medida considerada “de bom tom”, as subjetividades em jogo.

Um paraíso empoderador – um termo que aumenta o meu risco – o que acabo de descrever, alguém pode dizer. *Ainda não completamente*, eu argumentaria. Tenho ciência das inúmeras exclusões, interdições e violências que perpassam as vidas daqueles que ocupam as paredes das academias. A universidade ainda não é de todos. E nem todos os que estão nela podem, de igual forma, dizerem-se. Ainda assim, penso que temos o que celebrar. Não somos todos, mas já somos muitos, mais do que há alguns anos éramos; e já ocupamos esse território fincando nossas bandeiras, apresentando nossas vidas, tecendo nossas escritas, perturbando as paralisias mais resistentes.

O tom aqui é assumidamente otimista. Mas é também de constatação. Tematizemos e enfrentemos os retrocessos, mas não deixemos de fazer um exercício de observação: as universidades, as ruas, as escolas, os aeroportos, as mídias, as mesas-redondas, as revistas acadêmicas são a continuidade do que ontem chamávamos de mudança futura, ou horizonte próximo. Ainda se cala nesses espaços (a uns mais do que a outros). Ainda se violenta nesses lugares (a uns mais do que a outros). Ainda se mata nesses lugares (a uns mais do que a outros). Mas há mais voz, e há mais vida também nesses lugares.

Trago, em outras palavras, aquilo que ouvi do pesquisador Alexandre Bortolini, em uma mesa-redonda a que assisti no último Seminário Internacional Fazendo Gênero, em 2017, em Florianópolis: *nós já saímos do armário, e não vamos voltar para lá!* A fala de

Alexandre, bastante narrativa e autoetnográfica naquele evento, não me sai da cabeça desde então e tem me ajudado a ler os nossos tempos de maneira mais esperançosa. Diante do que se apresenta como presente, o otimismo não me soa mais como uma possibilidade romântica, mas como um direcionamento de ação necessário. Já somos muitas. Não tantas quanto queremos. Não tão diversas como ainda podemos. Mas já somos muitas. Etnografemo-nos. Narremo-nos. Digamo-nos.

Post scriptum

Entre as primeiras versões deste texto e sua finalização, o Rio de Janeiro, cidade onde vivo, vestiu-se de luto. Marielle Franco, vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), foi assassinada no dia 14 de março de 2018. O evento mobilizou não somente o município como também todo o Brasil. Expressões de revolta, tristeza, medo e indignação tomaram conta de grandes avenidas e praças do país, em uma ação de protesto e, ao mesmo tempo, de homenagem à memória de Marielle, “aquela que (...) sonhou com a justiça, lutou por liberdade e ousou ir mais alto do que permitia sua cor”⁶, conforme sintetizou Anielli, poetisa volta-redondense. Passados alguns dias do ocorrido, sentei-me diante do computador para finalizar o texto. Deparei-me com meus parágrafos finais, que exaltam a necessidade do otimismo. Se dissesse que meu ânimo não se viu abalado, estaria em exercício de dissimulação. Abalei-me e, como muitas pessoas, perguntei-me se há ainda espaço para esperança, para otimismo. Respondi-me afirmativamente: sim, ainda há espaço para isso. A revolta, a tristeza, o medo e a indignação assomaram-se em conjunto com um desejo de manter viva a memória, o trabalho e os sonhos de Marielle Franco. Entendi então que deveria manter o tom e seguir apostando em melhores futuros possíveis. Adiante!

Referências

BUTLER, J. [1990] *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CRISTÓVÃO, L. S. G. *Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida*. 2016. 256f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

FABRÍCIO, B. F.; PINTO, J. P. Inclusão e exclusão sociais em práticas discursivo-identitárias: microrresistências e possibilidades de agenciamento. In: _____. (Orgs.). *Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cânone Editorial, 2013.

GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

⁶ O texto completo pode ser acesso em: <<https://www.geledes.org.br/morreu-preta-da-mare-por-anielli-poeta-de-v-redonda/>> Acesso em: 20 mar. 2018.

OLINTO, H. K. Arte autoetnográfica. In: VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

SEDGWICK, E. K. [1990] *Epistemología del armario*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

SIBILIA, P. *La intimidad como espectáculo*. 3ª reimp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

Data de envio: 29/08/2017

Data de aceite: 03/06/18

Data da publicação: 15/08/2018